

A DESCIDA DE PERÍTOO AO HADES (FR. 280 M-W): TRADUÇÃO E ANÁLISE

Thaís Rocha Carvalho¹

Resumo: Este artigo apresenta a tradução e um breve comentário do fragmento 280 M-W, intitulado *A Descida de Períto ao Hades*, texto em hexâmetros atribuído a Hesíodo (embora com certa controvérsia). A análise privilegia as personagens míticas que nele aparecem (Períto, Teseu, Meleagro), bem como o episódio narrado, da *katábasis* dos heróis.

Palavras-chave: Poesia hexamétrica, Poesia Grega Arcaica, Katábasis, Hesíodo, Perséfone.

Abstract: This paper presents the translation and a brief analysis of fragment 280 M-W, named *Perithous Katabasis*, a text composed in hexameters attributed to Hesiod (although not without controversy). The analysis privileges its mythical characters (Perithous, Theseus, and Meleager), as well as the narrative being told, of the *katabasis* of the heroes.

Keywords: Hexametric poetry, Early Greek Poetry, Katabasis, Hesiod, Persephone.

1 Introdução

O fragmento 280 M-W, intitulado *ΠΕΡΙΠΙΘΟΥ ΚΑΤΑΒΑΣΙΣ* (Perithou Katabasis, *A Descida de Períto ao Hades*), foi retirado do papiro de Ibscher col. I, datado do século I d.C. (ÁLVAREZ, 2016, p. 37). Contém cerca de 32 versos em variados estados de fragmentação, narrando uma cena de encontro no Hades entre Teseu e Períto e o espírito do herói Meleagro².

Há divergência entre os estudiosos sobre a atribuição de autoria do fragmento. Reinhold Merkelbach e Martin West, em *Fragmenta Hesiodica* (1967), o atribuíram a Hesíodo, baseando-se em um trecho do periegeta do século II d.C., Pausânias (*Descrição da Grécia*, 9.9.5), que afirma ter havido um poema hesiódico sobre o tema da descida de Teseu e Períto ao Hades. No entanto, Albertus Bernabé (1996), na obra *Poetae Epici Graeci*, o editou como fr. 7 do poema épico *Minyas*, do qual temos poucos fragmentos – o primeiro sendo, justamente, outro testemunho de Pausânias (10.28.2), que menciona o poema localizando Teseu e Períto às

¹ Mestra em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), com dissertação intitulada "Perséfone e Hécate: A Representação das Deusas na Poesia Grega Arcaica". Bacharela em Letras - Grego Antigo e Português pela FFLCH-USP (2014) e Licenciada em Letras pela Faculdade de Educação (FE-USP).

² A história da morte de Meleagro é contada de forma bastante comovente no *Epinício* 5 de Baquilides (ver RAGUSA, 2013, pp. 216-228).

margens do rio Estige, esperando por Caronte (GANTZ, 1996, pp. 291-292). Timothy Gantz, em *Early Greek Myth* (*idem*), afirma que o mito da *katábasis* dos heróis pode ser datado entre os séculos VII e VI a.C. e argumenta que, “se o desejo de Odisseu de ver Teseu e Perítoos for uma parte autêntica do canto 11 (versos 630-631)³, a descida dos dois seria, portanto, um elemento familiar da tradição épica, embora não homérico”. Se assim for, não estranharia que mais de uma epopeia se dedicasse ao tema.

Contudo, o problema de atribuição do fragmento em questão permanece, já que há poucas evidências com as quais trabalhar para chegarmos a uma conclusão definitiva, e muitos argumentos já foram dados que apoiam igualmente as duas possibilidades⁴. Aceito aqui, portanto, a atribuição de Merkelbach e West (1967), que defendem tratar-se de um fragmento de Hesíodo, mas ressalto que a autoria dos versos pouco influencia em sua análise.

Assim, este artigo se divide em mais duas partes além desta introdução: primeiro, apresento o texto grego como definido pelos dois helenistas e tradução para a língua portuguesa de minha autoria, seguidos por uma análise do fragmento na seção subsequente.

2 Texto grego e tradução

ΠΕΙΡΙΘΟΥ ΚΑΤΑΒΑΣΙΣ

..... . ὀλέσαι με βίηφί τε δουρί τε μακρῶι,
ἀλλά με Μοῖρ' ὅλο]ή καὶ Λητοῦς ὤλεσε[ν υἱός.

ἀλλ' ἄγε δὴ μοι ταῦτα δι]αμπερέως ἀγό[ρευσον·
.....]νδε κατήλυθες [εἰς Αἴδαο
..... .] ἄμ' ἔσπετο πιῖ[τὸς] ἐ[ταῖρος 5
.....]εἰ τί κατὰ χρέος ω[.....]ις;
..... ... π]ρότερό[ς] τ' ἀπ[ὸ] μῦθον ἔειπε[
..... ..]ας ἐς ποιμένα λαῶν
..... .θ]εὰ δασπληῆτις Ἑρινύς·

³ “καὶ νύ κ' ἔτι προτέρους ἴδον ἀνέρας, οὓς ἔθελόν περ,/ Θησέα Πειρίθοόν τε, θεῶν ἐρικυδέα τέκνα.” (“Teria ainda visto os varões de antanho que desejava,/ Teseu e Pirítoos, filhos bem majestosos de deuses.”). Texto grego estabelecido por Murray (1919). Todas as traduções da *Odisseia* citadas são de Werner (2014).

⁴ Álvarez (2016, pp. 48-51) discute mais detalhadamente a questão, com revisão bibliográfica abrangente.

διογεν]ές [Μελ]έαγ[ρε δαί]φρονος Οινέρος υἱέ, 10

τοιγὰρ ἐγὼ τοι] ταῦτ[α μ]άλ' ἀτρεκέως καταλέξω.

.....].ενωϋδε[....] ἀγαυὴν Φερσεφόνειαν

.....]....ας φασ.[...]αι Δ[ία] τερπικέραυνον

ἀθανά]των τε νόμοις ἵνα ἐδνώσειεν ἄκ[ο]ιτιν

.....] ἐκείνους φασὶ κασιγνήτας μεγ[...].εις 15

μνησ]τεύειν, γαμέειν δὲ φίλων ἀπάν[ευθε τοκῆων

....]αι ἐκ μακάρων γάμον ὄρνυται ἐδγώσασθαι

αὐτοκ]ασιγνήτην ὁμοπάτριον· ἐγγυτέρω γὰρ

φήσ' εἶ]ναι γεγαῶς αὐτὸς μεγάλου Αἰῖδαο

Φερσεφ]όνηι κούρηι Δημήτερος ἠυκόμοιο· 20

αὐτὸς] μὲν γάρ φησι κασίγνητος καὶ ὄπατρος

..... .]εν]] Αἰῖδην δὲ φίλον πάτρωα τετύχθαι·

τοῦ δ' ἔν]εκεν φάτο βῆμεν ὑπὸ ζόφον ἠερόεντα.”

ὥς ἔφατ'·] Οἰνεΐδης δὲ κατέστυγε μῦθον ἀκούσας,

καί μιν] ἀμ[ειβό]μενος προσεφώνει μελιχίοισι· 25

“Θησεῦ Αἠην]αίων βουληφόρε θωρηκτῶν,

.

....]δάμεια περίφρων ἦν παρά[κοι]τις

..... μ]εγαθύμου Πειριθόοιο;

]αποντα[

].....[30

]ουσκ[

]..[.....]ρεμα[

]..[

A Descida de Perítoe ao Hades

... destr]uirão-me por força e longa lança,

mas a Moira funest]a e o [filho] de Leto me destruíra[m].

Mas vem! Isto me co[nta] do [in]ício ao fim:

... desceste [ao Hades]

... acompanhado por fi[el] [c]ompanheiro 5

... com qual propósito [.....]?

... [a]nte[s] profe[riu] o discurso [

... ao pastor dos povos

... deu]sa terrível Erínia:

“divi]no [Mel]eag[ro], filho do [pr]udente Eneu, 10

[eu, então,] iss[o] [m]uito francamente [te] recontarei.

... ilustre Perséfone

... Z[eus] lança-raios

e as leis dos [imort]ais, a fim de que tomasse como esp[o]sa

... eles disseram [] irmãs 15

[corte]javam, e casar lo[nge] dos caros [genitores]

... dos bem-aventurados, incita-se à boda, tomando

[a própria i]rmã, nascida do mesmo pai. Pois mais próximo em parentesco [diz ser] ele próprio, do que o grandioso Hades,

[de Perséf]one, filha de Deméter de belos cabelos; 20

pois [ele mesmo] diz ser irmão e do mesmo pai

... e Hades calhava de ser querido irmão do pai.

Por essa ra]ção, diz, desceu à treva nevoenta.”

[Assim falou.] E o filho de Eneu horrorizou-se, escutado o discurso,

[e lhe] dirigiu amáveis palavras em tr[oc]a: [25

“[Teseu], bom conselheiro dos encorajados [ateni]enses,

.

... era a muito prudente es[pos]a

... do [m]agnânimo Períto?

...

...

3 Análise

Apesar de seu estado fragmentário, há várias palavras legíveis e alguns versos completos por meio de suplementações, sendo possível apreender o sentido geral dessa cena sobrevivente.

O fragmento narra o encontro, no Hades, de Períto e Teseu com o espírito⁵ do herói Meleagro, um tipo de cena tradicional do tema épico de encontro entre vivos e mortos quando heróis resolvem, por uma razão ou outra, descer ao mundo dos mortos sem estarem de fato mortos⁶. Marco Antonio Álvarez (2016, p. 43), no artigo “Theseus’ and Pirithous’ Catabasis in P. Ibscher Col. I”, argumenta que “em geral, as cenas em que uma pessoa viva dialoga com um morto parecem ser inspiradas pela *Nekyia* da *Odisseia*”. Assim, seguindo as interações de Odisseu com os espíritos dos mortos, há quatro temas que pautam essas conversas: 1) o motivo da “morte”, em que a pessoa viva pergunta ao morto sobre sua morte; 2) o motivo da “descida”, em que o morto pergunta sobre a razão do vivo ter descido até o Hades; 3) o motivo da “família”, em que o morto pergunta sobre algum ente querido; e 4) o morto faz um pedido ao vivo (como, por exemplo, um funeral adequado)⁷ (*ibid.*, pp. 43-44).

Os dois primeiros versos legíveis do fragmento trazem a conclusão da história da morte de Meleagro, que alega ter sido morto não “por força e longa lança” (verso 1), mas sim por “Moira funesta e o filho de Leto” (verso 2), ou seja, Meleagro diz ter sido morto por seu destino e por Apolo, e não pela mão de homens. Concluindo a narrativa de sua morte, Meleagro então pergunta, nos versos 3 a 6, a razão que levou Teseu e Períto a descenderem ao Hades. Não fica claro a quem (Teseu ou Períto) Meleagro estaria se dirigindo diretamente aqui. No verso 4, ele utiliza uma forma em segunda pessoa do singular (*katéluthes*, “desceste”) para falar a seu interlocutor, completando no verso 5 *éspeto pis[tòs] he[taîros]* (“acompanhado por fi[el] [c]ompanheiro”).

Vê-se, portanto, que Meleagro fala a apenas um dos dois heróis. Porém, a qual deles? As evidências textuais parecem apontar para Períto, em três versos. A primeira está logo no verso 7, pelo uso da palavra *próterós* (“primeiro, ainda”), o que indica que Teseu se antecedeu

⁵ O termo usualmente utilizado no grego para nomear os espíritos dos mortos no Hades é *ψυχή* (*psykhē*).

⁶ No já mencionado *Epinício* 5 de Baquilides, é narrado o encontro de Héracles também com Meleagro, quando o primeiro empreendeu sua própria *katábasis* como um de seus 12 trabalhos (RAGUSA, 2013, pp. 216-228). A *katábasis* de Héracles é mencionada também na *Ilíada* (canto VIII, versos 366-369). Odisseu (*Odisseia*, canto XI) não desce propriamente ao Hades, mas invoca os espíritos dos mortos para que o encontre no mundo acima, e conversa com vários deles.

⁷ Como Pátroclo pediu a Aquiles (*Ilíada*, canto XXIII, versos 69-91) (GUTHRIE, 1951, p. 274).

a Perítoos para responder à pergunta de Meleagro (MERKELBACH, 1950, p. 259). A segunda, no verso 10, na forma bastante solene utilizada por Teseu para se dirigir a Meleagro: *diogen[és]/[Mel]éag[re daí]fronos Oinéus huié* (“[divi]no [Mel]eag[ro], filho do [pr]udente Eneu”). De acordo com Álvarez (2016, p. 41), essa forma – combinando o adjetivo *diogenés* (“divino”) com menção ao pai do herói – “é usada com frequência para se dirigir a um herói pela primeira vez”, como é feito a Odisseu diversas vezes pelos espíritos dos mortos (*Odisseia*, canto XI)⁸.

Por fim, a terceira evidência está na resposta de Meleagro a Teseu, no verso 26: *[Thēseú Athēn]aiōn boulēfōre thōrēktāōn* (“[Teseu], bom conselheiro dos encouraçados [ateni]enses”). De acordo com Merkelbach, em artigo intitulado “ΠΕΙΠΙΘΟΥ ΚΑΤΑΒΑΣΙΣ” (1950, p. 263), expressões semelhantes, construídas com o adjetivo *boulēfōre* (“bom conselheiro”), são utilizadas em Homero quando um personagem se dirige pela primeira vez a outro.

Assim, após o fim do discurso de Meleagro a Perítoos, Teseu se antecipa ao amigo para responder à pergunta de Meleagro sobre o motivo pelo qual os dois heróis desceram até o Hades. No verso 8, estão legíveis as palavras *es poimēna laōn* (“ao pastor de povos”), epíteto também utilizado para Perítoos na *Ilíada* (canto I, verso 263), provavelmente utilizado acompanhando o nome do herói na descrição de que Teseu teria se antecedido a ele na resposta. Já no verso 9, a deusa Erínia é mencionada com o epíteto *dasplētis* (“terrível”), embora não seja possível conjecturarmos por que, já que o restante do verso foi perdido. West (1966, p. 139) sugere a realocação deste verso após o 11, uma vez que faria mais sentido que Teseu mencionasse a deusa ao falar da missão de Perítoos.

Dos versos 10 a 23, temos então a longa explicação de Teseu do motivo que levou ele e Perítoos a descerem ao Hades. Perséfone é mencionada pela primeira vez no verso 12 com o epíteto *agauēn* (“ilustre, nobre”), que também é usado para a deusa na *Odisseia*, justamente no já mencionado canto XI (verso 213)⁹, em que Odisseu empreende sua própria descida ao Hades. No verso 13, Zeus, pai de Perséfone, é mencionado e as lacunas no verso nos impossibilitam de interpretá-lo com mais cuidado. West (*idem*), no entanto, sugere a seguinte suplementação do verso (em negrito):

.....]....ας φας.ν[εῦσ]αι Δ[ία] τερπικέραυνον ... dizendo que Ze[us] lança-raios d[eu permiss]ão

⁸ “διογενὲς Λαερτιάδῃ, πολυμήχαν’ Ὀδυσσεῦ” (“Divinal filho de Laerte, Odisseu muitos-truques”) – por exemplo, nos versos 488 e 504 do canto XI da *Odisseia*.

⁹ “ἢ τί μοι εἶδωλον τόδ’ ἀγανὴ Περσεφόνηα/ ὦτρυν’, ὅφρ’ ἔτι μᾶλλον ὀδυρόμενος στεναχίζω” (“Isto é um espectro que até mim a ilustre Perséfone/ instigou, para que, ainda mais aflito, eu gema?”) – *Odisseia*, canto XI, versos 213-214.

A estrutura do verbo *fēmí* (“digo”) somado ao infinitivo aoristo (*n[eûs]ai*, “d[eu permiss]ão”) sugere, então, que Perítoo afirma possuir a permissão de Zeus para sua missão, que Teseu explica nos versos seguintes ser a de casar com Perséfone, por ser mais próximo em parentesco com ela do que seu marido Hades (versos 17-22). Sendo Perítoo também filho de Zeus (verso 21), de acordo com a lei dos deuses (verso 14-17), ele teria mais direito a ser marido de Perséfone do que Hades, que é apenas seu tio (verso 22). Tal explicação deixa Meleagro tão horrorizado que, em vez de perguntar sobre um ente caro seu que ainda estivesse vivo, como seria o usual na estrutura das conversas entre vivos e mortos, ele questiona Teseu sobre a esposa de Perítoo (verso 24 até o fim do poema):

ὥς ἔφατ’·] Οἰνείδης δὲ κατέστυγε μῦθον ἀκούσας,
καί μιν] ἀμ[ειβό]μενος προσεφώνει μελιχίοισι·
“Θησεῦ Ἀθην]αίων βουλευφόρε θωρηκτάων,
·
....]δάμεια περίφρων ἦν παρά[κοι]τις
..... μ]εγαθύμω Πειριθόιο;

[Assim falou.] E o filho de Eneu ficou horrorizado, tendo escutado o discurso,
[e lhe] dirigiu amáveis palavras em tr[oc]a: [
“[Teseu], bom conselheiro dos encorajados [ateni]enses,
·
... era a muito prudente es[pos]a
... do [m]agnânimo Perítoo?

Do nome da esposa restou apenas *-dámeia* no verso 27, mas possivelmente trata-se do nome Hipodâmia, esposa de Perítoo¹⁰. Tendo o herói descido ao Hades com o propósito de se casar com Perséfone, é muito provável que sua esposa tivesse, portanto, morrido.

O horror de Meleagro frente a essa explicação é bastante compreensível. Perítoo desceu ao Hades, dizendo ter permissão de Zeus para tanto (o que muito provavelmente é uma mentira

¹⁰ Pausânias (*Descrição da Grécia*, 5.10.8) menciona o ataque dos centauros ao casamento de Perítoo, mas sem mencionar o nome da noiva. Ovídio, nas *Metamorfoses* (livro 12, versos 210-260), também faz uma narrativa acerca do casamento de Perítoo e Hipodâmia, mencionando-a pelo seu nome.

contada pelos dois heróis para se autojustificarem), para que case com sua irmã divina Perséfone, o que ele defende alegando que os próprios deuses se casam entre irmãos. Um mortal querer se igualar aos deuses configura *húbris* (ὕbris) e, portanto, é passível de punição.

Temos muitos exemplos de punição divina à *húbris* humana na poesia grega: Hipólito, punido por Afrodite por não honrá-la devidamente¹¹; Odisseu, cujo retorno à Ítaca é continuamente atrasado pela ira de Poseidon¹²; Ájax, punido por Atena por se recusar a aceitar que as armas de Aquiles seriam de Odisseu e não dele¹³; entre outros. Mesmo Prometeu, sendo ele próprio um deus, foi punido por Zeus por ter tentado ludibriá-lo duas vezes¹⁴. Em suas duas principais obras, *Teogonia* e *Trabalhos e Dias*, Hesíodo delimita um cosmos de deuses e de homens, pautado em Zeus e na justiça. Enquanto a *Teogonia* narra a origem dos deuses e o processo de estabelecimento de Zeus como seu rei, *Trabalhos e Dias* delimita a ação dos homens que vivem nesse universo formado por imortais, sendo governados por reis que são também juízes e, por isso, representantes de Zeus. Em ambos os poemas hesiódicos, a Justiça é caracterizada como filha de Zeus¹⁵, estando associada às Horas e sendo contraposta à *húbris*¹⁶.

De acordo com Jaa Torrano, no artigo “A Noção Mítica de Justiça em Eurípides e Platão” (2014, p. 20):

A inclusão da Justiça na tríade das Horas e a correlação e simetria entre ambas as tríades das *Moíras* e das *Horas* explicitam a natureza cósmica dessa noção mítica de justiça que como desígnio de Zeus se manifesta tanto na ordem e regularidade dos fenômenos naturais quanto no curso dos acontecimentos humanos.

Estando a Justiça e as Partes interconectadas, é necessário que os deuses respeitem as honras (τιμή, *timé*, “honra”) uns dos outros, e que os mortais respeitem o que cabe a eles e também a área de atuação de cada deus. A justiça, portanto, “envolve a divisão igualitária, seja de poder ou honra entre deuses ou dos escassos recursos da vida humana” (Clay, 2003, p. 82). Qualquer violação dessa divisão, portanto, configura-se em *húbris*.

Conforme nos mostra a *Teogonia*, todas as instâncias do mundo (terra, céu, mar, submundo) são deuses, ou seja, o mundo é composto e definido por deuses. Desse modo, os homens, em sua finitude – a qual, essencialmente, é o que os diferencia dos deuses –, estão

¹¹ *Hipólito*, de Eurípides.

¹² *Odisseia*, canto I, versos 1-25.

¹³ *Ájax*, de Sófocles.

¹⁴ *Teogonia* (versos 535-569) e *Trabalhos e Dias* (versos 47-59), Hesíodo.

¹⁵ *Teogonia* (versos 901-906) e *Trabalhos e Dias* (versos 256-262).

¹⁶ *Trabalhos e Dias* (versos 213-218).

submetidos aos deuses, os quais são, eles mesmos, seu mundo. Faz parte da condição humana respeitar os deuses e suas atribuições, por isso, punir mortais que não os honrem, ou que desrespeitem as limitações humanas são atos de justiça por parte dos deuses.

Períto, ao cobiçar a esposa de um deus, está cometendo um ato de *húbris*. Ao desejar casar-se com uma deusa, sendo ele humano, também está cometendo um ato de *húbris*. Por fim, ao tentar justificar essa ação com o argumento de que assim é feito entre os deuses (casar-se entre irmãos) (versos 14 e 19), comete uma terceira *húbris*. Meleagro com certeza se dá conta disso, tendo sido ele próprio morto por um deus, Apolo, e em seu horror, recorre aos fatos que lhe são conhecidos para tentar impedir Períto e Teseu de continuarem. Períto, já sendo casado, não poderia se casar novamente. Assim, é mais provável que Hipodâmia de fato tivesse morrido e Períto, então, decidido tomar uma nova esposa – sua escolha, no entanto, é um pouco questionável, para dizer o mínimo.

O argumento de que a descida de Períto e Teseu foi autorizada por Zeus (verso 13) parece pouco convincente pois sabemos, como nos é narrado no *Hino Homérico a Deméter* (versos 1-3)¹⁷, que o rapto de Perséfone por Hades, e seu subsequente casamento, foi autorizado por Zeus, com o intuito, inclusive, de criar uma ligação, antes inexistente, entre o Olimpo e o submundo (Carvalho, 2019, p. 41-67). Parece-me pouco provável que ele sancionasse a missão dos dois heróis nessas condições, portanto, muito provavelmente trata-se de um mero argumento na boca de Teseu, de forma a justificar a aparente insanidade da missão.

O próprio tamanho da explicação de Teseu, somando 12 versos, já é um indicativo da estranheza da missão. Odisseu, ao explicar a motivação de sua incursão ao Hades, utilizou apenas dois versos (*Odisseia*, canto XI, versos 164-165 e novamente nos versos 479-480). Está claro, pois, que Teseu tinha ciência de que teria de se alongar em sua explicação de modo a justificar a missão de forma adequada. Contudo, decerto nenhuma explicação, por mais elaborada e convincente que seja, será capaz de poupá-los da ira de Hades e Perséfone.

Mais tarde, em sua própria missão ao submundo, Hércules encontra Teseu e Períto em sua punição eterna, lhe sendo possível resgatar apenas um: Teseu¹⁸. Ao principal ofensor, Períto, não é permitido escapar da justiça divina.

¹⁷ “Δήμητρ’ ἠύκομον σεμνὴν θεὰν ἄρχοι’ αἰεΐδειν,/ αὐτὴν ἠδὲ θύγατρα τανύσφυρον, ἣν Ἄιδωνεὺς/ ἥρπαξεν, δῶκεν δὲ βαρύκτυπος εὐρύοπα Ζεὺς”. (“Deméter de belos cabelos, deusa veneranda, começo a cantar,/ e também sua filha de finos tornozelos, a que Aidoneu/ raptou, com consentimento de Zeus altissonante de amplos olhos”). Texto grego estabelecido por Richardson (1974). Tradução minha.

¹⁸ “Quando Teseu, para agradar Piríto, foi ao fundo de Tártaro raptar a moça, preso na cadeia, Hércules o libertou e da morada sombria de Hades trouxe teu pai”. *Os Heraclidas*, de Eurípides (versos 216-219). Tradução de Torrano (2015).

Quanto à representação de Perséfone, a deusa é mencionada duas vezes. A primeira, no verso 12, no discurso de Teseu, acompanhada pelo epíteto *agauén* (“ilustre, nobre”), dando a ela o devido reconhecimento em seu papel de rainha do lugar onde se encontravam. Depois, no verso 20, a deusa é chamada de *Persef]ónēi kourēi Dēméteros ēukómoio* (“Perséfone, filha de Deméter de belos cabelos”), ressaltando sua condição de filha da deusa da colheita, mesmo no período em que Perséfone habita no Hades. Logo, as duas facetas da deusa estão representadas aqui: filha de Deméter e esposa de Hades, deusa das estações e rainha do submundo, representação essa que se mantém pela poesia do período arcaico, como podemos ver na *Teogonia* e no *Hino Homérico a Deméter*.

Esse fragmento, portanto, apesar das lacunas em seu texto, nos dá um vislumbre de uma importante cena mitológica, a descida de Teseu e Períto ao Hades, episódio esse que é mencionado também por outros poetas, como Homero e Eurípides.

Referências Bibliográficas

- ÁLVAREZ, M. A. S. “Theseus’ and Pirithous’ Catabasis in P. Ibscher Col. I”. *TJJP*, suplemento XXVIII: Proceedings of the 27th International Congress of Papyrology, 2016, pp. 37-51.
- BERNABÉ, A. (ed.). *Poetae Epici Graeci*, vol. 1. Leipzig, 1996.
- BETZ, H. D. “Fragments from a Catabasis Ritual in a Greek Magical Papyrus”. *HR*, vol. 9, n° 4, 1980, pp. 287-295.
- CARVALHO, T.R. *Perséfone e Hécate: a representação das deusas na poesia grega arcaica*. Dissertação de Mestrado. Programa de Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-16082019-133218/pt-br.php>.
- CLAY, J. S. *Hesiod’s Cosmos*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- _____. *The Politics of Olympus: form and meaning in the major Homeric hymns*. London: Bristol Classical Press, 2006.
- GANTZ, T. *Early Greek Myth*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1996.
- GUTHRIE, W. K. C. *The Greeks and Their Gods*. Boston: Beacon Press, 1951.
- HARLEY, R. M. “La Katábasis como Categoría Mítica en el Mundo Greco-Latino”. *Káñina, Revista Artes y Letras*, Univ. Costa Rica XXXVI, 1, 2012, pp. 127-138.

- JONES, W. H. S.; ORMEROD, M. A. (trad.). *Pausanias. Description of Greece*. 4 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1918.
- LOURENÇO, F. (trad., pref.). *Homero – Ilíada*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- MERKELBACH, R. “ΤΕΙΠΙΘΟΥ ΚΑΤΑΒΑΣΙΣ”. *SIFC*, nº 24, 1950, pp. 255-263.
- MERKELBACH, R.; WEST, M. L. *Fragmenta Hesiodica*. Oxford: Oxford University Press, 1967.
- MURRAY, A. T. (trad.); DIMOCK, G. E. (rev.). *Homer: The Odyssey: Volume I, Books 1-12*. Cambridge: Harvard University Press, 1976. (Publicado originalmente em 1919).
- RAGUSA, G. (org., trad.). *Lira Grega*. Antologia de poesia arcaica. São Paulo: Editora Hedra, 2013.
- RICHARDSON, N. J. (ed., coment.). *The Homeric Hymn to Demeter*. Oxford: Oxford University Press, 1974.
- _____. “Early Greek Views About Life After Death”. In: EASTERLING, P. E.; MUIR, J. V. *Greek Religion and Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. pp. 50-66.
- SERRANO, P. G. “Catábasis y Resurrección”. *Espacio, Tiempo y Forma. Historia Antigua*. Serie II, 12, 1999, pp. 129-179.
- SPIRO, F. (ed.). *Pausaniae Graeciae Descriptio*, 3 vols. Leipzig: Teubner, 1903.
- TORRANO, J. “A Noção Mítica de Justiça em Eurípides e Platão”. *Archai*, n. 13, jul-dez, 2014, pp. 17-23. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8479>.
- _____. (trad.). *Eurípides – Teatro completo*. Volume I. São Paulo: Iluminuras, 2015.
- VELASCO, F. D. “Comentarios Iconográficos y Mitológicos del Poema Épico Miníada”. *Gerion*, 8, Editorial de la Universidad Complutense de Madrid, 1990, pp. 73-87.
- WERNER, C. (org., trad.). *Teogonia*. São Paulo: Editora Hedra, 2013a.
- _____. (org., trad.). *Trabalhos e Dias*. São Paulo: Editora Hedra, 2013b.
- _____. (trad., intro.). *Odisseia: Homero*. São Paulo: Cosac Naif, 2014.
- WEST, M. L. (ed., coment.). *Hesiod. Theogony*. Oxford: Clarendon Press, 1966.